

**APRESENTAÇÃO**  
**AMAZÔNIA: SOCIEDADE E NATUREZA**  
**HOMENAGEM A JOÃO VALENTIN**  
**WAWZYNIAK**

*Edilene Coffaci de Lima<sup>1</sup> e  
Marina Denise Cardoso<sup>2</sup>*

Não é tarefa simples apresentar um dossiê originalmente concebido por um colega e amigo que se foi tem tão pouco tempo, cujas lembranças vivamente nos acompanham. Apesar da dificuldade, trata-se exatamente disso: o dossiê *Amazônia: sociedade e natureza* foi originalmente idealizado pelo colega e amigo João Valentin Wawzyniak, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) entre os anos de 2001 e 2011, quando faleceu sem que pudesse nem mesmo ter dado início ao projeto. Quando seus colegas de departamento convidaram-nos a dar seguimento à ideia, imediatamente aceitamos, e o dossiê acabou se convertendo em uma homenagem. Se na concepção original estava prevista a chamada pública para contribuições, os artigos que agora compõem o dossiê foram escritos por nossos convidados, pesquisadores de diferentes instituições de ensino e pesquisa, que, tendo ou não contato com os trabalhos de Valentin, dispuseram-se a nos acompanhar nessa homenagem, dado o vértice amazônico que os aproximam ao saudoso amigo: todos eles, por diferentes temáticas e a partir de diferentes lugares, pesquisam na Amazônia.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Paraná, Brasil. edilene@ufpr.br

<sup>2</sup> Professora do Departamento Ciências Sociais e do Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, Brasil. mdcardoso@uol.com.br

Valentin, como era mais conhecido, era apaixonado pelas questões amazônicas, tendo nelas se iniciado a partir de sua pesquisa de mestrado<sup>3</sup>, cujo trabalho de campo aconteceu nos primeiros anos da década de 1990, quando tratou das transformações então em curso na herança das *colocações* (entendidas como unidade de uso dos recursos naturais, conforme o artigo de Mauro Almeida, neste dossiê) de seringueiros moradores da Reserva Extrativista do rio Ouro Preto, em Rondônia, marcadamente em diálogo com os estudos de campesinato. Pode-se hoje dizer que em seu trabalho Valentin etnografou os processos a partir dos quais os seringueiros do rio Ouro Preto estavam dando início a uma reflexão sobre formas de transmissão de herança, dado que o reconhecimento de sua condição profissional e de sua presença naquelas terras não se fazia antes, haja vista o longo regime de opressão a que foram submetidos desde o período do apogeu da borracha, iniciado no final do século XIX. Tratava-se mais da transmissão de um saber *seringueiro*, que então era reconhecido, que simplesmente de um patrimônio vinculado às suas terras.

A última vez em que Valentin esteve em pesquisa de campo no rio Ouro Preto foi em 1992. Depois daquele ano, em 1993 e 1994, mudou-se para Santarém (PA), quando passou a compor a equipe técnica do projeto *Saúde e Alegria*, no qual coordenou os trabalhos de levantamento socioeconômico de comunidades ribeirinhas localizadas naquele município. Em Santarém permaneceu até 2000, atuando como professor de Sociologia e Antropologia em diferentes instituições e prestando consultorias a organizações governamentais, como o IBAMA, no qual participou de um projeto sobre ordenamento pesqueiro.

Essa mudança do Ocidente ao Oriente amazônico tem outras implicações, pois foi em Santarém que Valentin acabou descobrindo uma nova temática de pesquisa, a Antropologia da Saúde, sobre a qual dedicou sua pesquisa de doutoramento<sup>4</sup>, entre os ribeirinhos do rio Tapajós, que acabou resultando num número significativo de trabalhos publicados. O objetivo geral desta pesquisa

---

<sup>3</sup> A dissertação de mestrado intitulada *Do barracão à casa: uma etnografia nas formas de apropriação, gestão e transmissão entre os seringueiros do rio Ouro Preto – RO*, orientada por Marcos Lanna, foi defendida em outubro de 2000 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>4</sup> A tese de doutorado intitulada *Assombro de olhada de bicho: uma etnografia das concepções e ações em saúde entre os ribeirinhos do rio Tapajós – Pará – Brasil*, orientada por Marina Cardoso, foi defendida em 2008 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

foi compreender a lógica pela qual os ribeirinhos da região do baixo Tapajós concebem noções sobre saúde, doença e formas de tratamentos face aos programas de saúde pública que procuram orientar essas concepções de acordo com a lógica biomédica. O meticuloso registro etnográfico sobre as práticas locais relativas aos cuidados com o corpo, a saúde e a doença mostrou que os ribeirinhos do Tapajós, mesmo transitando entre territorialidades (e saberes) espaços-temporais distintos mas inclusivos, as subsumem a uma cosmologia mais ampla, que as fundamenta, e postula o caráter transformacional entre o humano e o não-humano, formas outras de “objetivação da natureza”, que passou a ser o principal foco dos trabalhos de Valentin.

Da temática das Reservas Extrativistas, particularmente a do rio Ouro Preto (RO), às concepções de ribeirinhos do rio Tapajós (PA) sobre saúde e doença o trajeto é grandioso, mas é preciso mencionar que seu autor atravessou a Amazônia, de oeste a leste, sem ter estabelecido nexos entre as duas pesquisas. Isso não é dito em prejuízo do autor, antes com o propósito de destacar a própria diversidade de seus interesses em diferentes momentos e lugares. Se o foco temático, não obstante, mudou, em função, inclusive, da sua nova inserção profissional, Valentin manteve, ao longo da etnografia da sua tese de doutorado, a preocupação em registrar as mudanças na ocupação territorial do espaço, que colocaram em contato diferentes sistemas culturais, produzindo “sínteses fluidas que se atualizam contextualmente, embora orientadas por ideias e valores culturais comuns e pré-existentes”, revelando similaridades entre o contexto tapajônico e outros contextos amazônicos. Os artigos aqui reunidos pretendem também dar conta justamente dessa pluralidade de interesses e de temáticas, situadas diferentemente, mas que sugerem a mesma ótica.

O primeiro artigo, que abre este dossiê, é de autoria do próprio João Valentin Wawzyniak e se intitula *Humanos e não humanos no universo transformacional dos ribeirinhos do rio Tapajós – PA*, originalmente apresentado na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, que aconteceu em Belém (PA), em julho de 2010. Nesse artigo, o autor se dedica a apresentar brevemente o que define como sendo a “porosidade das fronteiras entre humanos e não-humanos” entre os ribeirinhos no rio Tapajós, por ocasião de seu doutoramento, em diálogo direto com os estudos contemporâneos de Etnologia Indígena.

Na sequência, em estreita conexão com o artigo anterior e com outros trabalhos de João Valentin Wawzyniak, está o artigo de Heraldo Maués, que

aborda aspectos relacionados à religião e à saúde entre outras populações rurais paraenses: do Nordeste e do Sudeste paraenses e do baixo Amazonas. O artigo termina, a partir do diálogo entabulado com os trabalhos de Valentin, com um elogio à reconciliação dos estudos de antropologia da religião e da saúde e os estudos de etnologia indígena, dos quais o autor é um esmerado artífice.

No terceiro artigo, Esther Jean Langdon procura observar, comparativamente, as mudanças operadas no xamanismo entre dois grupos indígenas colombianos (os Sibundoy e os Siona), em meio às transformações históricas de ocupação territorial que afetaram diferencialmente estes grupos e o xamanismo local. Por meio desta comparação, Jean Langdon argumenta não só que o xamanismo deve ser visto como um fenômeno constantemente em mudança, que resulta das complexas relações contextuais entre fatores sociais, culturais, históricos, demográficos e ecológicos, mas também que as “redes xamânicas” permanecem tendo um papel fundamental nas práticas médicas populares colombianas.

Felipe Vander Velden, no quarto artigo, irá também abordar as concepções de saúde e doença, a partir da pesquisa que desenvolveu entre os Karitiana, em Rondônia. Aqui, particularmente, os Karitiana conceitualizam as doenças como resultado do contato e da degradação ambiental, não necessariamente reconhecendo fronteiras entre eles próprios e fatos e eventos longínquos. Assim, um evento tão distante como a Guerra do Iraque pode emergir para explicitar as teorias nativas (e os seus parâmetros cosmológicos), que apontam a vulnerabilidade a que estão expostos, fragilizando seus corpos e os tornando mais e mais doentes.

A partir do quinto artigo muda a temática até aqui traçada, e maior conexão será estabelecida com o primeiro trabalho de pesquisa de João Valentin Wawzyniak, com seu mestrado na Reserva Extrativista do rio Ouro Preto.

Mauro W. Almeida, em *As colocações: forma social, sistema tecnológico, unidade de recursos naturais*, apresenta uma meticulosa etnografia das *colocações* nos seringais daquela que veio a ser a primeira Reserva Extrativista no Brasil, a RESEX do alto Juruá. Escrito originalmente antes que a RESEX fosse formalmente reconhecida, o que se deu em janeiro de 1990, a versão agora apresentada acrescenta mais informações de campo e a continuidade de alguns problemas, mesmo após 20 anos de sua primeira versão publicada. Entre tais problemas, mencionados logo no início do artigo, está a indagação sobre como manter o regime de vida associado às *colocações* após o ocaso do sistema patronal,

tendo os seringueiros que buscar manter as *colocações* ao mesmo tempo em que procuram reorganizar coletivamente a vida na floresta.

Em consonância com o artigo anterior, e, em alguma medida, apontando para as questões acima indicadas, Mariana Ciavatta Pantoja e Amilton Pellegrino Mattos, no sexto artigo, intitulado *Os plantios como experiência criativa: um primeiro ensaio*, abordam como os moradores da Reserva Extrativista do alto Juruá, no Acre, criativamente produzem seu território. Os autores irão mostrar como nos últimos anos refluíu o movimento político que proporcionou o reconhecimento daquelas terras como uma Reserva Extrativista, em favor das atividades agropecuárias, que resultam em mais desmatamentos. Em contraposição a tal movimento, gestam-se os *plantios*, onde homens e mulheres dispersam em determinadas áreas na floresta, notadamente nas capoeiras, sementes e mudas que constroem subjetivamente seu território, numa prática tradicional que se quer ela própria aliada da natureza, entendendo-a como um ser vivente com o qual se estabelecem relações várias. Nesse movimento, uma vez mais, não se suprime a política, mas enredam-na em algo que ultrapassa seu entendimento convencional, ampliando suas fronteiras em uma política sociocosmológica.

Finalmente, no sétimo artigo temos novamente a temática da produção do território a partir de práticas tradicionais, mas, neste caso, da caça awá-guajá, moradores do noroeste do Maranhão. Uirá Garcia, autor do artigo intitulado *Ka'á Watá, "andar na floresta": caça e território em um grupo tupi da Amazônia*, deslinda como o "andar-caçar" produz o território awá-guajá. Assim é-nos dado saber como uma população caçadora, desinteressada das práticas agrícolas, vê-se cada vez mais pressionada no entorno e é levada a percorrer distâncias cada vez maiores a fim de persistir produzindo um território que delimita, a cada passo e com um determinado passo, seu.

Cabe-nos, finalmente, agradecer a cada um dos/as autores/as que gentilmente se engajaram em colaborar nesse dossiê, no qual *sociedade e natureza* não se cindem em polos antagônicos, secos, estanques; ao contrário, tocam-se e emaranham-se a partir de relações que implicam em diferentes arranjos – nunca triviais, mas permanentemente elaborados.

Para encerrar, informamos que os vários materiais de campo (fotos, negativos, cromos, diários, apontamentos e relatórios) de Valentin foram doados, por Edilene Coffaci de Lima, a quem os destinou, e por Sônia Wawzyniak (sua

irmã), ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE/UFPR). Atendendo ao desejo de Valentin, esses materiais estarão disponíveis para consulta, de acordo com as regras do próprio MAE para consulta ao seu acervo, após cinco anos de sua morte, i.e., a partir de agosto de 2016.